

e-Spania

Revue interdisciplinaire d'études hispaniques médiévales et modernes

27 | juin 2017

L'argument de l'affect dans l'historiographie médiévale / Literatura áurea ibérica

Literatura áurea ibérica

O catálogo de poetas da *Iffanta Coronada* (1606), poema espanhol do português João Soares de Alarcão, e os cânones poéticos portugueses do século XVI

HÉLIO J. S. ALVES

<https://doi.org/10.4000/e-spania.26638>

Resumos

Português Français English

Apesar da quase total ausência de estudos dedicados ao assunto, sabemos que o cânone da poesia portuguesa do século XVI não pode ser compreendido sem consideração atenta do impacto sócio-político da União Monárquica (1580-1640) e da literatura espanhola, e hispano-americana, da mesma época. As opiniões portuguesas acerca do valor relativo dos seus poetas oscilaram, na época, entre posturas mais isolacionistas e posições mais iberistas, em graus e até espécies ainda por determinar concretamente. O caso do exercício de crítica literária implícita realizado por um autor português que viveu toda a vida sob a monarquia dos Habsburgos, João Soares de Alarcão (1580-1618), parece sintomático. O catálogo de poetas, com breves apreciações, que inclui na sua *Iffanta Coronada*, de 1606, ajuda a entender o percurso desenhado pelo cânone poético lusitano entre a subida ao trono português de Filipe II de Espanha e a Guerra da Restauração. Esse catálogo é aqui estudado na senda de alguns predecessores, listas de nomes elogiados em verso e prosa por Diogo Bernardes (1560-1568), Pêro de Magalhães Gândavo (1574), o auto-denominado «Estudante Pobre» (circa 1591-1593) e António de Ataíde (circa 1600).

En dépit de l'absence presque totale de travaux consacrés à la question, on sait que le canon de la poésie portugaise du XVI^e siècle ne saurait être compris sans le considérer attentivement au regard de l'impact socio-politique de l'Union des Couronnes (1580-1640) et des littératures espagnole et hispano-américaines contemporaines. Au Portugal, les opinions émises sur la valeur relative des poètes ont oscillé, à l'époque, entre



des postures plutôt isolationnistes et des positions plus ibéristes, à des degrés et selon des modalités que des analyses concrètes doivent encore déterminer. Le cas de l'exercice de la critique littéraire implicite réalisée par un auteur portugais qui passa toute sa vie sous la monarchie des Habsbourg, João Soares de Alarcão (1580-1618), en est symptomatique. Le catalogue de poètes, assorti de brefs commentaires, qu'il inclut dans son *Infante couronné*, en 1606, aide à comprendre le parcours dessiné par le canon poétique portugais entre la montée sur le trône du Portugal de Philippe II d'Espagne et la guerre de Restauration. On étudie ici ce catalogue dans la continuité de quelques-uns de ses précédents : des listes de noms dont font l'éloge, en vers ou en prose, Diogo Bernardes (1560-1568), Pêro de Magalhães Gândavo (1574), un poète qui se présente comme un « Étudiant pauvre » (circa 1591-1593) et António de Ataíde (circa 1600)

Despite the almost total absence of studies on the matter, the canon of 16th century Portuguese poetry cannot be understood without carefully considering the socio-political impact of both the Monarchical Union (1580-1640) and contemporary Spanish and Hispano-american literature. At the time, opinions in Portugal concerning the relative value of the country's poets fluctuated between isolationist and Iberian positions, in ways that have yet to be explored in concrete terms. Symptomatic is the case of the implicit literary criticism produced by João Soares de Alarcão (1580-1618), a Portuguese author who spent his entire life under the Hapsburg monarchy. His *Crowned Infant* (1606) includes a catalogue of poets accompanied by short commentaries which help us understand the ways in which the Portuguese poetic canon changed between Philip II of Spain's accession to the throne of Portugal and the War of Restoration. We will compare this catalogue with several of its predecessors, namely the lists of poets praised in verse and prose by Diogo Bernardes (1560-68), Pêro de Magalhães Gândavo (1574), the so-called «Penniless Student» (ca. 1591-93) and António de Ataíde (ca. 1600).

Entradas no índice

Mots-clés : canon poétique, catalogue, relations luso-espagnoles, poètes portugais du XVI^e siècle, Pêro de Magalhães Gândavo, António de Ataíde, João Soares de Alarcão

Palavras-chave: cânone poético, catálogo, relações luso-hispanas, poetas portuguesas do século XVI, Pêro de Magalhães Gândavo, António de Ataíde, João Soares de Alarcão

Keywords: poetic canon, catalogue, Luso-Hispanic relationship, Portuguese poets in the 16th century, Pêro de Magalhães Gândavo, António de Ataíde, João Soares de Alarcão

Texto integral

- 1 O estudo do cânone literário ibérico tem de passar pelo estudo dos catálogos de poetas e de outros escritores. Se, no caso espanhol, alguns avanços notáveis se realizaram nos últimos anos –como sucede com os volumes do Grupo PASO sobre *El canon poético* nos séculos XVI e XVII publicados na primeira década do presente século–, no caso português não existe, ou pelo menos não conheço ainda, estudos semelhantes. Isto não é dizer, evidentemente, que o conhecimento dos fenómenos de canonização se resume às listas que, aqui e ali, foram sendo elaboradas por autores maiores e menores daquelas centúrias: o cânone literário tem muito mais que se lhe diga. No entanto, o levantamento e estudo de tais catálogos é parte essencial para aceder ao nosso tema. E apesar de algumas incursões importantes na teoria literária do Renascimento português, a questão dos cânones contemporâneos não chegou ainda a ser discutida, nem muito menos se fez até agora o levantamento requerido e exigível¹.
- 2 Para além dos elencos de clássicos antigos e modernos, interessa-me aqui sublinhar o caso das enumerações indígenas de escritores naturais de Portugal. É sobretudo por este motivo que se destaca o catálogo de João Soares de Alarcão, que estudarei daqui a pouco, dado o realce quantitativo que Alarcão dá a poetas portuguesas. Ora, no caso dos elencos de escritores lusitanos, não obstante a parcialidade dos dados conhecidos, é possível, desde já, o levantamento duma hipótese de trabalho.
- 3 A hipótese que proponho à partida é a seguinte. O cânone literário português dos primeiros tempos, isto é, dos primeiros catálogos conhecidos de, e sobre, escritores portuguesas –sensivelmente da segunda metade de Quinhentos até ao fim

da União Monárquica em 1640–, divide-se em dois conjuntos. Um primeiro conjunto de cariz lusitanista, sobretudo contraposto à influência espanhola ou, mais exactamente, castelhana; e um segundo conjunto de aproximação ao reino vizinho, tão cioso de autonomia nacional quanto o primeiro, mas com um entendimento diferente da natureza dessa autonomia.

- 4 Em ambos os casos, portanto, estaremos perante catálogos onde predomina a atenção político-cultural nacional, sobretudo diferenciadora em relação a Espanha. Mas, apesar desse aspecto comum, a perspectiva é muito diferente e até oposta. Os autores do primeiro grupo adoptam uma postura que podemos considerar *isolacionista*: portugueses que vincam a separação, disputa e concorrência directa com outras nações. Por seu turno, os autores do segundo grupo definem-se e aos seus laureados como autores portugueses *peninsulares*, assumindo a sua independência nacional de nome e qualidades, mas não deixando também de assinalar uma complementaridade geográfica, cultural e linguística entre portugueses e castelhanos.
- 5 O que define a posição de um grupo e do outro, eis o que procuraremos saber.

1. Primeiros catálogos dum cânone literário português

- 6 Como afirmei no início, faltam os levantamentos permanentes de material canonizador em Portugal. Não se sabe quais e quantas listagens de escritores existem na literatura portuguesa renascentista. O mesmo se pode dizer dos repertórios produzidos em Portugal, ou por autores portugueses, especificamente virados para elencar outros escritores portugueses e ibéricos: sabe-se que podem aparecer numa grande variedade de géneros e formas, mas carecemos de trabalhos que assumam essa perspectiva.
- 7 Com os dados conhecidos, porém, é possível encontrar elementos suficientes para uma hipótese de história da canonização literária portuguesa no momento da sua formação. Hoje concentrar-me-ei numa das facetas dessa história, os catálogos, listagens ou repertórios de nomes cuja menção supõe preferências de natureza variável, que requerem estudo.
- 8 Para exemplo de um dos primeiros documentos deste género trago à colação o poeta Diogo Bernardes, na *Carta VII a Pero de Lemos, Secretario da Marquesa d'Alcanisas, estando no Porto, em resposta doutra carta sua*². Neste texto, que me atrevo a datar da década de 1560, Bernardes, a determinada altura, desenvolve um breve elenco de autores lusitanos que deveriam servir de modelo ao seu destinatário nas suas experiências poéticas:

Se pretendes louvar os claros lumes
Da Musa Portuguesa, doce, e branda,
Que d'Amor tem escrito altos vollumes,

Lá tens o grande Sá, não Sá Miranda,
De quem o mortal só morte apagou,
De quem a fama viva entre nós anda.

O de Meneses digo, o qual honrou
Consigno as nove irmãs, e tens seu filho,
Que na brandura mais se levantou.

Tens o nosso Ferreira, e tens Castilho,
E dous Andrades, todos luz do monte,
Dos quaes Febo, eu não só me maravilho.

Tens Sylva, tens Sylveira, que na fonte
Apos Miranda se banharão logo;
E porque mais em outros não t'aponte,

Tens o de Portugal, qu'em claro fogo
 Dum raro amor, se vay todo abrazando,
 Sem lhe vallerem lagrimas, nem rogo.

Destes teu doce canto vá soando,
 Destes escuyta tu o doce canto,
 Não de mim que já rouco, em serras ando.

9 Neste texto anterior à morte de Ferreira (1569)³ e posterior à de Sá de Miranda (1558)⁴, Bernardes evoca um cânone que incide exclusivamente sobre a poesia lírica: só revela quem canta «d'Amor», em estilo «doce e brando». Além de Ferreira, menciona João Rodrigues de Sá de Meneses, da geração de Miranda mas ainda vivo⁵, e o seu filho Francisco de Sá de Meneses como lírico eminente. Vem a seguir António de Castilho (de quem não conhecemos hoje poemas), e depois Pêro de Andrade Caminha e Francisco de Andrade, que serão os mais prováveis «dous Andrades»⁶. Simão da Silveira⁷ e um (Jorge da?) Silva concluem a lista com Manuel de Portugal, numa fase em que este não havia enveredado ainda pela poesia *ao divino* e era particularmente elogiado pela sua poesia de amores profanos⁸. Bernardes, com modéstia poética, escusa-se de acrescentar o seu próprio nome à lista, afirmando que já prèga no deserto, mas é evidente que o seu nome está lá dentro implicitamente. Trata-se sobretudo dum catálogo dos mais notáveis poetas líricos da «nova poesia» de imitação italiana, poesia na qual Miranda e João Rodrigues de Sá de Meneses fazem figura de patriarcas. Não há referência específica a língua, apenas se formula a expressão «Musa Portuguesa». A orientação assenta na naturalidade dos autores e na modalidade lírica dos textos, sem mais.

10 O cânone de Bernardes não se compara, contrasta, complementa ou afirma de nenhum modo em relação a um cânone lírico clássico, italiano, espanhol ou outro qualquer. Estabelece uma origem nativa para a lírica renascentista portuguesa e hierarquiza discretamente as qualidades dos membros da segunda geração que é a do mesmo Bernardes, quer aqueles que seguiram logo Miranda, quer os que começaram a lírica italianista mais tarde. Mas o indigenismo do catálogo não depende duma relação intercultural. Por conseguinte, não cabe em nenhuma das categorias de canonização que referi inicialmente.

11 Concomitantemente, não há lugar para tratar o bilinguismo dos poetas mencionados. Alguns terão escrito nas duas línguas (como o próprio Miranda), outros só em português (como Ferreira), mas o ponto é que a questão da língua não surge directa nem indirectamente, e nada tem a ver com o catálogo e o cânone expressos.

12 O mesmo se pode dizer das temáticas, em que absolutamente nada sugere que sejam mais ou menos nacionais ou ibéricas: a lista de Bernardes poderia, apenas com a mudança dos nomes próprios, ser italiana ou francesa, e em nada necessitaria de alteração. Tratava-se tão-somente de elencar aqueles que Bernardes considerava os melhores exemplos do lirismo contemporâneo em Portugal. Afirmar a grandeza duma tradição lírica nacional não implicava o questionamento das fronteiras.

2. A disputa anti-castelhana

13 Tal orientação surge totalmente modificada poucos anos depois, em 1574, quando Pêro de Magalhães Gândavo elenca a sua lista de favoritos. Diversamente da epístola lírica de Bernardes, Gândavo redige um diálogo em prosa cujos interlocutores são um português e um espanhol, discutindo sobre qual das duas línguas tem maiores qualidades⁹. Não se permite qualquer relação pacífica entre eles e elas. Mais do que dum diálogo, trata-se duma «disputa» (termo do autor). Por exemplo, o interlocutor espanhol, Falencio, afirma, a propósito da língua portuguesa, que é «conocida vuestra lengua por la más tosca y grosera del mundo»,

e o mesmo tom provocatório ressurgem mais vezes nas falas de ambos os protagonistas¹⁰.

- 14 Em jeito de lição, a personagem portuguesa, Petrônio, distingue qualidades diferentes para cada língua, qualidades que se manifestam em géneros e formas diversos, desta maneira:

Porque aveis de saber que cada lingua per si tem hum estylo mais proprio, e em que melhor parece, como he, a Grega nos versos, a Latina nas orações, a Toscana nos sonetos, a Portuguesa nas comedias em prosa e no verso heroyco, a Castelhana nas trovas redondas e garridas que naturalmente parecem feitas e inventadas pera ella [...] que são materias leves, e accomodadas ao estylo da mesma lingua. Mas cousas graves e de importancia, não me dareis nenhum Portugues antigo nem moderno que as tratasse nem escrevesse em vossa lingua [castelhana].

- 15 A língua espanhola é diminuída duplamente, e ambas as vezes por razões literárias: vem depois da portuguesa na ordem da História (a sequência é: Grécia, Roma, Itália, Portugal e só no fim Castela) e é-lhe inferior nos estilos que serve («trovas» e «materiais leves» em vez de «cousas graves e de importancia»). O elenco de autores que demonstram a superioridade da língua portuguesa chega a seguir, com especial incidência sobre os modos de escrever que Petrônio havia destacado para a sua língua materna, ou seja, a prosa das comédias e a poesia em verso heróico:

E se quereis saber quam pouca necessidade temos [da língua castelhana], vede o estylo das comedias e dos versos do nosso verdadeiro portugues Francisco de Sá de Miranda, que foi o primeiro que nesta nossa Lusitania o descubrio, com tamanha admiração que de todos em geral ficou confessada esta verdade.

- 16 Segundo Gândavo, Sá de Miranda é o primeiro grande prosador da língua, nas comédias que compôs, e o primeiro versificador na mesma língua que demonstra superioridade de estilo em relação à língua castelhana. Sendo o primeiro nome mencionado no cânone de Gândavo, Miranda surge também como o fundador e o patriarca da prosa e do verso, em português, em assuntos «graves e de importância».

- 17 Os nomes que se seguem derivam necessariamente do seu exemplo na prosa e no verso. Primeiro, os prosadores (comediógrafos ou não), seis nomes aos quais mais tarde se podem ainda ajuntar um ou dois. Depois, os poetas:

Pois se no verso heroyco vos parece que a vossa [língua] lhe pode fazer ventagem: vede as obras do nosso famoso poeta Luis de Camões de cuja fama o tempo nunca triumphará, vede a brandura das daquelle raro espirito Diogo Bernardes: vede finalmente as do doctor Antonio Ferreyra de que o mundo tantos louvores canta.

- 18 O cânone da poesia portuguesa fica assim estabelecido definitivamente em torno do «verso heróico», independentemente do género praticado: Sá de Miranda, Camões, Bernardes e Ferreira. Estes são os nomes dum cânone oposto à literatura espanhola, porque se funda noutra tradição, senhora de si e, até, com precedência de grau (coisas «graves» contra as coisas «leves» das trovas), e ainda porque se pratica, no moderno verso elevado, melhor em português do que em espanhol.

- 19 Claro que esta percepção das coisas não corresponde exactamente à realidade dos textos. Sá de Miranda escreveu «versos heróicos» em castelhano. Camões escreveu trovas ligeiras em português e alguns hendecassílabos em castelhano. Bernardes escreveu, tanto trovas como decassílabos renascentistas, em ambas as línguas. E apenas Ferreira, ao não escrever de todo em castelhano, se ficou sempre pelo verso heróico de matriz italiana. Mas o que importava a Gândavo era menos os factos documentados do que um projecto geo-político. E para este, numa perspectiva de diferenciação radical em relação ao castelhano, aparece Sá de

Miranda na fundação duma língua legitimada literariamente, e depois Camões, Bernardes e Ferreira, numa manifestação contemporânea do triunfo dessa mesma língua literária. Estava delineado, pela primeira vez em catálogo, o Parnaso lusitanista de oposição a Castela.

- 20 Também opositivas, mas de uma forma infinitamente mais subtil do que o catálogo de Gândavo, são as anónimas *Oitavas dum Estudante Pobre*. Calculo a data da primeira redacção deste texto, por evidências circunstanciais, por volta do primeiro lustro da década de 1590¹¹. O exórdio das oitavas –estrofe por excelência da poesia heróica– é constituído por um pequeno elenco de poetas e de poemas, como se o anónimo autor, para indicar a forma e o estilo do texto que irá desenvolver a seguir, necessitasse de o comparar com as mais conhecidas e notáveis obras do mesmo género. Como se verá, a lista ignora por completo quaisquer antecedentes clássicos ou modernos em outras línguas: está escrita em português e lida apenas com autores portugueses desde o início (a sua publicação mais conhecida surge no volume primeiro do *Postilhão de Apolo*, compilação poética barroca de 1761, mas cito o poema aqui pelo ms. da Biblioteca Nacional de Portugal, cód. 11603, fol. 82r):

Os Portugueses pey tos não dom ados
cante Corte Real digno de estima;
os mares so por elles navegados
cellebre o bom Camoens em grave rima;
as magoas e os amores delicados
Alcido cante junto do seu Lima;
Mostre o Pereyra a quem o não sabia
O sangue in da hoje fresco em Berberia;
[...]

que eu não canto Amor, nem gentileza,
mas chorarey miserias e pobreza.

- 21 Os poetas modelares aqui são, pela ordem de apresentação, Corte-Real¹², Camões, Diogo Bernardes e Luís Pereira¹³. Um quarteto, tal como no caso de Gândavo. O interesse temático é exclusivamente português: embora Corte-Real tenha escrito um poema épico em castelhano, a *Felicissima Victoria de Lepanto*, onde se celebram heróis espanhóis, italianos, gregos e outros de mistura com portugueses, o autor anónimo encontra neste poeta apenas a celebração de «portugueses peitos». Camões e Pereira, ambos épicos também, são igualmente lembrados por causa de assuntos lusitanos: o primeiro através das navegações portuguesas, o segundo mediante a derrota na batalha de Alcácer-Quibir. Finalmente, Bernardes (através do seu criptónimo pastoril Alcido) é o único autor referido de versos amorosos e magoados, como se fosse o poeta canónico por excelência da lírica portuguesa.

- 22 Mas se o interesse lusitanista deste cânone já se vislumbra perfeitamente na descrição que as *Oitavas* fazem da actividade de cada poeta –os guerreiros portugueses de Corte-Real, os navegadores portugueses de Camões, a derrota portuguesa nas areias marroquinas, de Pereira, e o portuguêsíssimo rio Lima de Bernardes–, ele torna-se absolutamente evidente no dístico final do exórdio. Trata-se duma alusão relativamente transparente aos primeiros versos de *La Araucana* de Ercilla, o celebrado poema épico castelhano:

No las damas, amor, no gentilezas
de caballeros canto enamorados,
[...]

mas el valor, los hechos, las proezas,
de aquellos españoles esforzados¹⁴.

- 23 Como escrevi noutro lugar, «o “estudante pobre” faz uma imitação perversa do *incipit* de Ercilla, repetindo a “gentileza” e a negação do tema amoroso, e

transformando as “proezas” dos heróis, por paronomásia anagramática, em “pobreza”»¹⁵. Ercilla é objecto de alusão, indicando a fama do seu poema em Portugal, mas não faz parte real do catálogo, antes parece ser destituído do (re)nome concedido aos demais. Na verdade, os poetas canónicos do anónimo autor são apresentados como sendo portugueses em tudo, nacionalidade, língua e tema, ainda que não seja exactamente assim. A forma como se alude a Ercilla implica, ao mesmo tempo, um reconhecimento da popularidade do autor madrileno no verso épico, mas também a sua remissão, através duma irónica paródia, para as margens deste acto de canonização. O «estudante pobre» afirma que não canto como Ercilla, assim como não canta como os outros portugueses, mas o método seguido com o autor espanhol é outro: retirá-lo da lista, descatalogar o seu nome. Tudo indica que a nacionalidade sua e do seu tema (*españoles esforzados*) tenha a ver com o que acaba por funcionar, nas *Oitavas*, como silenciamento dum símbolo patrimonial estrangeiro e castelhano.

²⁴ Este cânone, porém, não tem o carácter histórico dos de Bernardes e de Gândavo. Não apresenta uma descendência poética. Apenas coloca os autores em paralelo e ao mesmo nível hierárquico. E opta por um modo, o épico, quase tanto como na carta de Bernardes a Pero de Lemos se podia ler exclusivamente noutro modo, o lírico. O mesmo, embora de outra maneira, sucede num manuscrito incompleto duma poética escrita por volta do ano de 1600, onde «... defendendo calorosamente o valor de autores portugueses, D. António de Ataíde enumera, como modelos a seguir, “Luís de Camões no heróico, Francisco de Sá no lírico, Manuel de Portugal [em tudo]”»¹⁶. Mesmo não tendo a certeza a qual Francisco de Sá se faz alusão ali (de Miranda? de Meneses?), é difícil imaginar algo de mais lusitanista do que isto. No entanto, tal como sucedeu em casos anteriores, mas agora de forma gritante, o alto lugar reservado ao poeta Manuel de Portugal não depende do seu uso exclusivo da língua portuguesa. Bem pelo contrário: esse poeta publicou sobretudo em castelhano. As escolhas de Ataíde, portanto, não dependem da relação estabelecida pelo autor com o bilinguismo. Como sucede nos casos de Bernardes, Gândavo e das *Oitavas dum Estudante Pobre*, a utilização duma ou doutra língua pelos poetas é escamoteada, secundarizada ou disfarçada. De qualquer maneira, fica subordinada a outros factores.

3. O catálogo de Soares de Alarcão, 1606

²⁵ O primeiro poema épico de autoria portuguesa impresso no século 17 é *La Iffanta Coronada por El Rey Don Pedro, Doña Ines de Castro*, por João Soares de Alarcão. Publicado na célebre tipografia lisboeta de Pedro Crasbeeck em 1606, foi composto inteiramente em língua castelhana. Trata-se do terceiro poema heróico redigido nesta língua por autores portugueses, depois da *Felicissima Victoria* de Jerónimo Corte-Real (1578) e da *La conquista... de Granada* de Duarte Dias (1590). Segue-se às *Oitavas dum Estudante Pobre* –ainda que estas de datação incerta e género revertido– como primeiro poema português em oitavas heróicas a incluir um catálogo de poetas. É também o mais extenso dos repertórios de autores portugueses daqueles que vimos até agora, pois dedica nada menos do que 48 versos à respectiva listagem.

²⁶ O antecedente imediato à elaboração do catálogo de Soares de Alarcão é o seguinte. Estava o infante D. Pedro em pranto junto à sepultura da sua Inês de Castro (Canto IV, est. 29), quando lhe aparece um espectro, falando-lhe e ordenando que o siga (30). Pedro caminha atrás dele, até que vai dar a uma campina com árvores (31 e 34). Nela acham-se as campas de gente notável, quer por feitos e por obras, quer por «libros que dexaron» (35). Destes últimos, com

letrados, o infante foi reconhecendo Homero, Virgílio, Terêncio, Horácio e Ovídio (40). Eis como se inicia a continuação do elenco (IV, 41-43):

Allí reconoció Petrarcha y Tasso
Que nel mundo tendria nombre eterno,
Ariosto nombrado, y Garcilaso
Amoroso, galano, blando, y tierno.
Boscan y otro Vega que despasso [sic]
Poetico, tendria el mas int erno [sic],
Y otros Españoles tan famosos
Como illustres de sangre, y poderosos.

De nacion Lusitana Camões raro,
Corte real insigne, y tan famoso,
Con quien no se mostrò Parnaso avaro,
Dandole a beber licor precioso.
El conde sin igual poeta claro
En coplas y sonetos ingenioso,
El tio¹⁷ Manuel grave prudente,
Y otro Portugal tan excelente.

Alli Bernardes blando, y su hermano
Tienen dos bien labradas sepulturas;
Tambien para un Bernardo soberano;
Y de dos lobos juntos las figuras.
Alli para un Andrade Lusitano
Y un Texera lleno de ternuras
Sepulcros levantados parecian
En premio del ingenio que tendrian.

- 27 Soares de Alarcão inicia o percurso das tumbas de poetas portugueses com Camões, imediatamente a seguir à breve referência a poetas italianos e espanhóis. Ora, entre os poetas espanhóis, conta-se Garcilaso de la Vega. Garcilaso é, na realidade, o primeiro dos autores espanhóis referidos, merecendo um verso e meio, seguido de Boscán, «otro Vega» e «otros Españoles». A comparação com os cânones a que chamei *isolacionistas* permite verificar a ausência, sobretudo, de Sá de Miranda. Com efeito, Francisco de Sá, que nunca foi culpado de evitar a poesia em língua castelhana, pois praticou-a abundantemente, introduziu, na verdade, uma tradição vernácula autóctone, coeva de Garcilaso (e Boscán), em solo português. A carreira independente de Sá de Miranda, formadora duma plêiade de poetas lusitanos, peca estranhamente pela ausência. A explicação para o facto reside porém, em meu entender, exactamente no motivo de Camões aparecer em primeiro lugar na lista de Soares de Alarcão. Escreveu Jorge de Sena acertadamente que

A genealogia literária que [Alarcão] estabelece para a entrada da literatura portuguesa, com Camões na imortalidade, concorda rigorosamente com a visão de Camões como o herdeiro, que ele foi, dos clássicos, do italianismo renascentista... e dos espanhóis que hispanizaram a Renascença italiana. É como se Camões não tivesse nada que ver com os portugueses que o precederam¹⁸.

- 28 Esta herança declarada pelo próprio Camões na sua poesia é notoriamente ausente de menção e sinais concretos da influência, ou de certa presença que seja, de Sá de Miranda (para não falar de outros poetas anteriores). Para todos os efeitos, o cânone de Soares de Alarcão assinala uma aceitação e uma promoção da visão histórico-poética que Camões atribuiu a si próprio, a de que a ascendência da sua obra está em Garcilaso de la Vega e Juan Boscán, e não em Francisco Sá de Miranda.
- 29 Outro aspecto em que o repertório de Soares de Alarcão difere significativamente dos seus predecessores é na inclusão de Jerónimo Corte-Real. É certo que este poeta havia sido já referido nas *Oitavas de um Estudante Pobre*, e logo em primeiro lugar. É verdade também que, ao contrário do que sucede nas *Oitavas*, Corte-Real

surge agora depois de Camões. Mas não é esse o factor significativo, nem no caso do «estudante pobre», nem no de Alarcão. Na listagem deste último, Corte-Real aparece qualificado, em parte com termos de significado semelhante ao utilizado para Camões –compare-se «raro» e «precioso»– e, noutra parte, indubitavelmente ainda mais significativa, com termos e extensão inusitados em todo o catálogo. Com efeito, a *Iffanta Coronada* concede a Corte-Real três versos inteiros, mais do que sucede com qualquer outro poeta do catálogo, clássico ou moderno. Desta vez, o poeta não é evocado em nome dos seus pergaminhos temáticos lusitanistas. É, diversamente, nomeado porque as fontes do Parnaso lhe foram generosas, o que, em linguagem corrente, quer dizer que escreveu não apenas muita poesia, mas também inspirada.

30 Tal como Camões, também Corte-Real carece de antecedente português na listagem de Soares de Alarcão. Assim como sucede, *a contrario*, nas *Oitavas dum Estudante Pobre*, a precedência de Camões na lista da *Iffanta Coronada* não sugere anterioridade de um poeta em relação ao outro. Apresentam-se como coevos um do outro, sendo os precedentes antigos, italianos e espanhóis. Nisto se distingue nitidamente o Parnaso de Alarcão daqueles que vimos de Bernardes, Gândavo e António de Ataíde: Sá de Miranda não é aqui autor fundador ou principal, transferindo-se esses papéis para Camões e Corte-Real. Os mesmos Camões e Corte-Real que, por essa época, começavam a fazer parte do cânone *espanhol*, isto é, de menções de poetas portugueses do século XVI incluídas por autores espanhóis em repertórios espanhóis imediatamente anteriores ao poema de Alarcão, desde as *Anotaciones* de Herrera (1580) à *Arcadia* de Lope de Vega (1598). A implícita ascendência poética espanhola que, escrevendo em castelhano, Soares de Alarcão atribui a Camões e Corte-Real, não lhes retira o carácter de lusitanos, mas produz uma harmonização e um consenso visíveis com o processo de canonização que esses autores estavam a sofrer em Espanha. Alarcão introduz e postula, assim, um cânone que constitui um derivado ou um subconjunto lusitanista do cânone peninsular, cujos alicerces se montavam principalmente sobre a obra de Garcilaso de la Vega.

31 A partir da menção do nome de Corte-Real, aparentemente aqui considerado, talvez, o mais importante de todos os poetas portugueses, os méritos dos autores referidos a seguir parecem menores ou parciais. Não sabemos quem seja o «conde sin igual», mas as suas qualidades resumem-se a «coplas y sonetos»¹⁹. Manuel de Portugal, presente já nas listas de Bernardes e Ataíde, ressurgue aqui como autor de poesia devota, de facto publicada sob o título de *Obras* no ano anterior (1605). Na oitava seguinte, Diogo Bernardes vem ligado ao irmão, por razões e qualidades indistintas. Os demais, identificáveis ou não, estão todos ainda vivos em 1606 e são contemporâneos do autor da *Iffanta Coronada* –em lista que se estende muito para além das estrofes aqui citadas.

32 Um aspecto que importa ainda salientar no catálogo de Alarcão é a ausência de alguns nomes da «Musa Portuguesa» que surgiam evidenciados nos catálogos anteriores. Além de Sá de Miranda, nota-se sobretudo a falta de Ferreira, particularmente num poema cuja temática tinha sido objecto duma famosa tragédia deste autor publicada, na sua versão definitiva, pelo menos em 1598 e 1601, poucos anos antes da *Iffanta Coronada*. A explicação de Jorge de Sena para este facto não carece de sentido:

...a não-referência a António Ferreira pode muito bem apenas significar a hostilidade de um poeta bilingue à orientação lusitanista de que o autor da *Castro* foi defensor intransigente. Pode, ainda, e especificamente, ser uma tentativa de apagar esse autor como uma das fontes que a contemporaneidade podia atribuir ao poema, embora a preocupação de originalidade não fosse dominante na época. Mas inclinamo-nos mais para a hipótese de que é o lusitanismo de António Ferreira o que não seria muito popular entre poetas dos princípios do século XVII, que precisamente se haviam abandonado ao que ele havia combatido²⁰.

33 Assim se entenderia também a ausência, por exemplo, do Luís Álvares Pereira nomeado nas *Oitavas dum Estudante Pobre*, de quem não se conhece qualquer espécie de expressão literária em espanhol. No entanto, a explicação de Sena não fica totalmente imune a reparos. Alarcão louva não somente Diogo Bernardes, autor quase constante dos elencos lusitanistas, mas também o seu irmão, Agostinho Pimenta – o frade Agostinho da Cruz – cuja vasta obra lírica, transcrita em inúmeros cancioneros da época, foi integralmente escrita em português²¹.

34 Lendo assim a listagem de Alarcão, e tendo em conta a análise dos repertórios anteriores, a questão parece colocar-se em parte ao nível do bilinguismo. A produção e impressão da epopeia *Felicissima Victoria* por Corte-Real em 1578 inaugurou, para homens como Alarcão, uma tendência poderosa na poesia de autoria lusitana. Aliás, não será por acaso que Duarte Dias, o segundo autor português de uma epopeia castelhana, elogiou um único poeta no seu catálogo de heróis: exactamente Corte-Real, e como autor da *Felicissima*²². É de crer que o acto de certa maneira fundador de Corte-Real se tenha tornado exemplar para os poetas portugueses que optaram por se exprimir em verso heróico castelhano. Dias e Alarcão contraditavam, assim, as teses de autores isolacionistas como Gândavo, para quem os portugueses nunca escreviam em espanhol sobre « cousas graves e de importância ».

4. Conclusões (provisórias)

35 A questão do bilinguismo possui relevo mas não satisfaz a globalidade dos fenómenos que temos vindo a estudar. Há outras componentes, tanto ou mais importantes, que temos também presenciado.

36 Uma delas diz respeito à filiação histórica dos poetas. A nomeação de Sá de Miranda não tem a ver com o seu maior ou menor bilinguismo, mas tem certamente a ver com certa espécie de perspectiva político-cultural nacional. Filiar Camões e Corte-Real na poesia que brota de Garcilaso e Boscán possui um significado profundamente diferente de associar Camões –e, neste caso, tirando Corte-Real– a Sá de Miranda. Para os canonizadores isolacionistas, Camões, ainda que sem indicação expressa pelo próprio, vem da linha que começa em Miranda. Para os outros, Garcilaso e Corte-Real eram igualmente importantes, ou mais, mas incomodavam o sector lusitanista-isolacionista, pelo seu carácter castelhano ou castelhanizante. A sucessão literária filtrada no par Miranda-Camões acabará, assim, por ser aquela que, ocultando embora outra matriz essencial, servirá melhor à pacificação do panorama histórico-cultural entre as duas nações. Por isso, será esse o par fundador com tendência a triunfar nos cânones posteriores do século XVII.

37 Outro facto importante a ter em conta, por isto mesmo, é a relação dos catálogos portugueses com idênticos movimentos de canonização espanhóis. A este propósito, não deixa de ser relevante o facto de Miranda, Camões, Corte-Real e Diogo Bernardes surgirem com alguma frequência em elencos de autores espanhóis, mas o mesmo não suceder com Bernardim Ribeiro, António Ferreira, Fr. Agostinho da Cruz e Luís Álvares Pereira, por exemplo. A este respeito, vale a pena mencionar que uma obra tão influente como a Primeira Parte do *Teatro de los Dioses de la Gentilidad*, de Baltasar de Vitória, de 1620, cita apenas Ferreira (além do posterior Rodrigues Lobo) como poeta em língua portuguesa²³. Mas tal não foi suficiente para colocar o nome de Ferreira em qualquer dos maiores catálogos poéticos que produziu Espanha no *Siglo de Oro*. A relação entre os cânones portugueses e os cânones espanhóis, precisamente por causa da presença constante de relacionamento, de colaboração, oposição ou ambiguidade, constitui também um elemento fundamental para a compreensão do percurso que tomou, no século 16 e ao longo do 17, a canonização da poesia portuguesa.

Notas

1 Uma primeira tentativa sistemática de levantamento, embora válida apenas para o período de 1614 a 1658, foi realizada por José Adriano de Freitas CARVALHO no *Bulletin Hispanique*: «La formación del Parnaso português en el siglo XVII. Elogio, crítica e imitación», *Bulletin Hispanique*, vol. 109, n. 2, Dezembro de 2007, p. 473-509.

2 Epístola publicada pelo mesmo Bernardes na sua compilação de élogos e cartas intitulada *O Lima*, cuja primeira edição é de 1596. Além deste volume, publicaram-se ainda mais dois da poesia lírica de Diogo Bernardes (?- c. 1594), *Várias Rimas ao Bom Jesus* (1594), a primeira compilação lírica impressa em Portugal de um só autor identificado, e *Rimas Várias Flores do Lima* (1597). A bibliografia mais recente sobre Diogo Bernardes não inclui, ainda, uma monografia que trate da globalidade da obra. Uma síntese actualizada sobre o assunto acha-se no verbete de Ana Filipa Gomes FERREIRA, «Bernardes, Diogo» in: Vítor Aguiar e Silva (org.), *Dicionário de Luís de Camões*, Lisboa: Caminho, 2011, p. 67-71.

3 António Ferreira (1528-1569), autor duma colectânea de versos intitulada *Poemas Lusitanos* (1.^a ed.: 1598) constituída por poesia lírica, inteiramente nos géneros clássicos (ode, elegia, epístola etc.) e renascentistas (como o soneto), e por uma tragédia, *Castro*. Foi ainda o autor de duas comédias em prosa, *Bristo* (noutra versão: *Fanchono*) e *Cioso*. Sobre este autor, vide Adrien ROIG, *António Ferreira. Études sur sa vie et son oeuvre (1528-1569)*, Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970; Thomas F. EARLE, *The Muse Reborn: The poetry of António Ferreira*, Oxford: Clarendon Press, 1988; Nair Castro SOARES, *Teatro Clássico no Século XVI. A 'Castro' de António Ferreira. Fontes – Originalidade*, Coimbra: Almedina, 1996; António FERREIRA, *Poemas Lusitanos*, edição crítica, introdução e comentário de T. F. EARLE, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000 (2.^a edição, 2008); T. F. EARLE, «Who is Júlio? Plot and Identity in António Ferreira's Comedies», in: T. F. Earle e Catarina FOUTO (eds.), *The Reinvention of Theatre in Sixteenth-Century Europe. Traditions, Texts and Performance*, Londres: Legenda, 2015, p. 73-88.

4 Sobre a poesia e o teatro de Francisco de Sá de Miranda (1481?-1558), vide T. F. EARLE, *Theme and Image in the Poetry of Sá de Miranda*, Oxford: OUP, 1980; Maria Vitalina Leal de MATOS, *Ler e Escrever. Ensaios*, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1987; Américo António Lindeza DIOGO, *As Lágrimas de Miranda. Sobre a poesia de Sá de Miranda*, [Braga]: Angelus Novus Editora, 1995; Rita MARNOTO, *O Petrarquismo Português do Renascimento e do Maneirismo*, Coimbra: Por Ordem da Universidade, 1997; T. F. EARLE, *The Comedy of the Foreigners. Renaissance Sicily through Portuguese eyes*, Oxford: Clarendon Press, 1997; Marcia Arruda FRANCO, *Sá de Miranda, um poeta no Século XX*, Braga: Angelus Novus Editora, 2001; número especial da revista *Floema. Caderno de Teoria e História Literária* (Vitória da Conquista: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia) intitulado «Dossiê: Sá de Miranda», Ano II, n.º 4, Julho-Dez., 2006; Marcia Arruda FRANCO (ed. crit.), *Francisco de Sá de Miranda. Poesias*, Coimbra: Angelus Novus Editora, 2011; José Cândido de Oliveira MARTINS e Sérgio Guimarães de SOUSA (orgs.), *Estética e Ética em Sá de Miranda*, Guimarães: Opera Omnia, 2011; José CAMÕES e T. F. EARLE (eds.), *Francisco de Sá de Miranda. Comédias*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2013.

5 Este é um dos poetas que, como Sá de Miranda, surge já no *Cancioneiro Geral* compilado por Garcia de Resende e publicado em 1516. Os textos que escreveu a partir deste ano, porém, parecem ser todos em latim. Sobre João Rodrigues de Sá de Meneses e o seu filho Francisco, vide Luís Fernando de Sá FARDILHA, *A Nobreza das Letras: os Sás de Meneses e o Renascimento Português*, Lisboa: FCG/FCT, 2008.

6 Sobre Andrade Caminha (152?-1589), vide Vanda ANASTÁCIO, *Visões de Glória (uma Introdução à poesia de Pêro de Andrade Caminha)*, 2 vols., Lisboa: FCG/JNICT, 1998. Francisco de Andrade, de quem se conhecem apenas poucos poemas dispersos, supõe-se ser o autor do mesmo nome que traduziu do latim do humanista Diogo de Teive e escreveu a *Crónica de D. João III*.

7 Sabe-se praticamente nada sobre a poesia de Simão da Silveira, excepto que o seu nome aparece no núcleo de relações de outros poetas, como (além de Bernardes) Camões, Ferreira e Corte-Real. É bem possível que poemas seus tenham engrossado as edições da lírica de Camões produzidas no século XVII (afirma-o Jorge de SENA no seu livro *Os Sonetos de Camões e o Soneto Quinhentista Peninsular*, 2.^a edição, Lisboa: Edições 70, 1981, p. 92).

8 Sobre D. Manuel de Portugal (?-1606) como poeta, e as supostas duas fases da sua carreira literária (a primeira mundana, a segunda devota), vide L. F. de Sá FARDILHA, *Poesia de D. Manoel de Portugal. I. Prophana*, Porto: Instituto de Cultura Portuguesa, 1991; *Id.*, «Uma "Arcádia" Sacra: as 'Obras' de D. Manuel de Portugal (1605)», *Via Spiritus*, n.º 13, 2006, pp. 45-57; Isabel ALMEIDA, «As 'Obras' de D. Manoel de Portugal: um cancionero ao divino», in: Vicenç BELTRÁN e Juan PAREDES, *Convívio. Estudios sobre la poesía de cancionero*, Granada: Editorial Universidad de Granada, 2006, pp. 31-54. Numa opinião actual, Manuel de Portugal é, de todos os líricos portugueses

conhecidos, «o mais próximo de Garcilaso, e a sua imitação é por vezes muito servil, tendo porém momentos de grande inspiração junto com alguns outros menos felizes, estes geralmente em castelhano» (José Miguel MARTÍNEZ TORREJÓN, «Nota prévia», *História e Antologia da Literatura Portuguesa*, n.º 19: «A Geração de Camões. Os Líricos», Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, p. 7).

9 Utilizo a edição facsimilada, anotada por Sheila Moura HUE, sob o título *Diálogos em defesa e louvor da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

10 Mesmo o final do diálogo, supostamente conciliador, deixa as marcas dum antagonismo sem remissão: «Dessa maneira, senhor Falêncio, já que contra minhas razões não tendes mais que argüir, e o campo fica por meu, dêmos por concluída nossa questão...».

11 Cf. Hélio J. S. ALVES, «Em torno da recepção da poesia camoniana no século XVI: as «Oitavas de um Estudante, Fidalgo e Pobre à sua Miséria»», *Revista Camoniana*, Série 2, São Paulo, vol. 10, 1997, p. 33-43.

12 Sobre as várias obras impressas de Jerónimo Corte-Real (?-1588), vide L. de Sá FARDILHA, «O 'Auto dos Quatro Novíssimos do Homem' de Jerónimo Corte-Real», *Revista da Faculdade de Letras*, Anexo VIII, Porto: Universidade do Porto, 1997, p. 187-204; Lara VILÀ (ed.), *Jerónimo de Corte Real. Felicísima Victoria concedida del cielo al señor don Juan de Austria en el golfo de Lepanto*, Madrid-Barcelona: Mirabel Editorial, 2005, DVD; Aude PLAGNARD, «Fortuna de Jerónimo Corte-Real en España: la traducción del 'Segundo Cerco de Diu' de Pedro de Padilla», *Criticón*, n. 116, 2012, p. 137-145; H. J. S. ALVES, «Tras la estela de Corte-Real. El poema "Sepúlveda e Lianor" en la memoria de Lope de Vega, Cervantes, Calderón, Solórzano Pereira y Tirso de Molina», *Studia Aurea*, n. 7, 2013, p. 365-387; Roger FRIEDLEIN, «Encenações cosmográficas: a epopeia renascentista, espaço autorreflexivo (Camões, Corte-Real)», *Veredas*, n. 23, 2015, p. 111-125.

13 Luís Álvares Pereira (também referido em bibliografias como Luís Pereira Brandão) é o autor do poema épico *Elegiada* (Lisboa: Manoel de Lyra, 1588) em 18 Cantos; conhecem-se dele também alguns poemas dispersos em verso heróico (sonetos, epigramas), todos em língua portuguesa. Não existe uma monografia sobre o poeta, mas a respeito da sua epopeia pode ler-se H. J. S. ALVES, «O poeta Luís Pereira, as suas influências italianas e o adeus a D. Maria de Portugal» in: AAVV, *D. Maria de Portugal Princesa de Parma (1565-1577) e o seu tempo. As relações culturais entre Portugal e Itália na segunda metade de Quinhentos*, Porto: Faculdade de Letras, 1999, p. 49-67; Maria do Céu FRAGA, «A 'Elegiada' de Luís Pereira Brandão: a história, a literatura e a vida», in: *Id.*, Maria Madalena M. C. Teixeira da SILVA e Gabriela FUNK (orgs.), *Da Literatura e da Cultura. Homenagem a António Machado Pires*, Ponta Delgada: Universidade dos Açores/Letras Lavadas Edições, 2016, p. 307-324.

14 Alonso de ERCILLA Y ZÚÑIGA, *La Araucana*, Madrid: en casa de Pierres Cossin, 1569, Canto I, est. 1.

15 H. J. S. ALVES, «Em torno da recepção...», art. cit., p. 40.

16 I. ALMEIDA, *Poesia Maneirista*, Lisboa: Comunicação, 1998, p. 56-57.

17 Na transcrição de Jorge de Sena (em obra referenciada na nota a seguir), esta palavra surge como «pío».

18 Jorge de SENA, «Estudos de História e Cultura – Inês de Castro», *Ocidente*, vol. 74, n. 359, Março de 1968, p. 105.

19 Jorge de Sena estuda a questão e não chega a qualquer conclusão definitiva (*ibid.*, p. 103n). Por mim, parece que Alarcão poderia estar a referir-se a Francisco de Sá de Meneses (já referido no cânone de Diogo Bernardes), no final da vida nomeado Conde de Matosinhos. Ficou, de facto, famoso pelas suas «coplas» ao rio Leça e por sonetos notáveis, a maioria dos quais em castelhano, que se encontram dispersos por cancioneiros manuscritos.

20 *Ibid.*, p. 106.

21 As atribuições a este poeta de poemas castelhanos são destituídas de autoridade, «e deste modo recobriria inteira legitimidade o elogio que Costa e Silva teceu a Frei Agostinho da Cruz, por nunca ter utilizado, nas suas criações poéticas, o idioma de Garcilaso» (V. Aguiar e SILVA, *Maneirismo e Barroco na Poesia Lírica Portuguesa*, Coimbra: Centro de Estudos Românicos, 1971, p. 67).

22 «Mas mira aquel varon que celebrando / el alto brio, y valeroso hecho / de los que en la batalla [de Lepanto] peleando / eternizan la honra de su pecho: / Este que yguales honras va llevando / que se hiziera mortifero despecho / al enemigo, es Corte real / gloria de Apolo, luz de Portugal [...]. / Este consigue la suprema alteza / de ingenio, este yguala al celebrado / Homero con la pluma...» (Duarte DIAS, *La conquista que hizieron los poderosos y Catholicos Reyes Don Fernando, y Doña Isabel, en el Reyno de Granada*, Madrid: viuda de Alonso Gomez, 1590, canto XV, fol. 205vº-206rº).

23 A este respeito, veja-se H. J. S. ALVES «Presença da poesia portuguesa no “Siglo de Oro”», in: Carmen M^a COMINO FERNÁNDEZ DE CAÑETE *et alii*, *Crisis y Ruptura Peninsular. III Congreso Internacional de la SEEPLU (Cáceres, 30 y 31 de octubre de 2013)*, Cáceres: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Extremadura, 2014, sobretudo nas p. 70-71. CD-ROM.

Para citar este artigo

Referência eletrónica

Hélio J. S. Alves, «O catálogo de poetas da *Iffanta Coronada* (1606), poema espanhol do português João Soares de Alarcão, e os cânones poéticos portugueses do século XVI», *e-Spania* [Online], 27 | juin 2017, posto online no dia 12 junho 2017, consultado o 21 maio 2024. URL: <http://journals.openedition.org/e-spania/26638>; DOI: <https://doi.org/10.4000/e-spania.26638>

Autor

Hélio J. S. Alves
Universidade de Évora

Artigos do mesmo autor

Lisboa, ¿nueva Roma? El modelo romano en los orígenes de la épica culta portuguesa

[Texto integral]

Publicado em *e-Spania*, 21 | juin 2015

Direitos de autor



Apenas o texto pode ser utilizado sob licença CC BY-NC-ND 4.0. Outros elementos (ilustrações, anexos importados) são "Todos os direitos reservados", à exceção de indicação em contrário.